

Características Familiares de Quilombolas no Nordeste Brasileiro

Family Characteristics of Quilombolas in the Brazilian Northeast

Andréia Poschi Barbosa Torales^{a*}; Ayla Islana Costa Nascimento^a; Maria Luisa de Farias Teodoro^a;
Marlizete Maldonado Vargas^a; Cristiane Costa da Cunha Oliveira^a;

^aUniversidade Tiradentes. SE, Brasil.

*E-mail: andreiaposchi@msn.com

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar as características familiares e a percepção do nível de qualidade de vida e autoestima em duas comunidades quilombolas no Nordeste brasileiro, Sergipe, Brasil. Participaram deste estudo, 327 famílias, visitadas em seus domicílios. Os domínios físico e psicológico da qualidade de vida e o nível de autoestima quando relacionados às características familiares, apresentaram significância estatística em diferentes estratos da amostra, comprovada pelos testes qui-quadrado, teste t, ANOVA e Post-hoc. Os resultados demonstram que a baixa qualidade de vida das famílias quilombolas esteve associada à composição multifamiliar, constituída por mais de três pessoas e apresentando mais de três filhos, e ao maior tempo de vida no quilombo. A baixa autoestima esteve relacionada à menor renda familiar e prole mais numerosa. Considera-se que as expectativas e necessidades básicas destes grupos populacionais, tais como, a promoção da moradia própria, saneamento básico, ruas pavimentadas, lazer, saúde, educação, justiça social e trabalho, não estão sendo atendidas pelas políticas públicas.

Palavras-chave: Características Familiares. População Quilombola. Qualidade de Vida. Autoestima.

Abstract

The aim of this study was to analyze the family characteristics and the perception about the level of quality of life and self-esteem in two quilombola communities in the Brazilian northeast, Sergipe, Brazil. This study included 327 families that were visited at home. The physical and psychological domains of quality of life and level of self-esteem when related to family characteristics, showed statistical significance in different strata of the sample, confirmed by chi-square tests, t tests, ANOVA, and post-hoc. The results demonstrate that the low quality of life of quilombola families was associated with the type of multifamily houses, consisted of more than three people, presenting more than three children, and to the longer lifetime in the quilombo. The low self-esteem was related to lower income and numerous offspring. It is considered that the expectations and basic needs of these population groups, such as the promotion of own habitation, basic sanitation, paved roads, leisure, health, education, social justice, and work opportunities have not been provided by public policies.

Keywords: Family Characteristics. Quilombola Population. Quality of Life. Self-esteem.

1 Introdução

Nas décadas de 30/40, no Brasil, os bairros negros eram vistos como uma unidade fechada em si mesma, coesa, como uma cultura isolada. O termo quilombola na contemporaneidade se refere ao modo de vida coletiva, à participação de cada sujeito na comunidade, à condição de membro de um determinado grupo que o identifica enquanto sujeito de direito (LEITE, 2000).

Comunidade quilombola é toda comunidade negra rural, descendentes de escravos, cuja produção é utilizada para a subsistência das famílias. As comunidades são espaços habitados secularmente por descendentes de mulheres e homens escravizados, ex-escravizados e também de negros livres (SILVA, 2007). As comunidades quilombolas são também percebidas como aquelas que congregam laços de convivência e coletividade e tomam a terra como centralidade de suas lutas, em decorrência do processo de exclusão e marginalidade que seus ancestrais sofreram no contexto escravagista brasileiro (LARA, 2012).

A definição de povos e comunidades tradicionais foi firmada no decreto nº6.040 de 07/02/2007 artigo 3º, inciso I, que define "... grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição..." (BRASIL, 2007).

Detentoras de um patrimônio histórico e cultural inestimável preservam, por meio de práticas culturais centenárias, trazidas por seus ancestrais diretamente do continente africano, a religiosidade, a arte. O conceito de quilombo e quilombola vai além de um repositório de memória e história. Sujeitos concretos que precisam ser incluídos socialmente no que diz respeito a suas tradições (CORREIA; COSTA; BALBINO, 2007).

O Brasil possui em todo seu território várias comunidades de quilombos (ANJOS; CIPRIANO, 2007). O Estado de Sergipe, localizado no Nordeste brasileiro, abriga 27

comunidades quilombolas, têm-se como objeto de estudo duas dessas comunidades, a Patioba e a Mussuca, reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares como quilombos.

A comunidade Patioba localizada às margens da BR-101, no Leste Sergipano, e a 7 km da sede do município de Japarutuba, possui 143 famílias cadastradas. Já a comunidade Mussuca pertence ao município de Laranjeiras que integra a região da grande Aracaju. E, também localizada às margens da BR-101, conta com 503 famílias cadastradas.

Alguns aspectos se assemelham nas comunidades estudadas. Ambas são consideradas os maiores quilombos de Sergipe desde os tempos do império. Estas contam com postos de saúde em suas imediações e escolas de ensino fundamental e o deslocamento dos estudantes para a rede de ensino da cidade sede ou vizinhas se dá por meio de transporte escolar ofertado pelas respectivas prefeituras municipais.

Diferentes áreas do conhecimento demonstram interesse nas comunidades quilombolas, porém é quase que inexistentes estudos sobre a percepção de Qualidade de vida (QV) e Autoestima (AE) desses sujeitos com a utilização de instrumentos como WHOQOL-bref e Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR).

A expressão QV é utilizada por diversos segmentos da sociedade. Compreende aspectos subjetivos e objetivos e denota a necessidade do ser humano buscar o equilíbrio interno e externo (RIOS; BARBOSA; BELASCO, 2010). A Organização Mundial de Saúde (OMS) conceitua a QV como a “percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHO, 1998). Minayo, Hartz e Buss (2000) ressaltam que QV é uma representação social que se estrutura em dois parâmetros: objetivos, que dizem respeito à satisfação das necessidades básicas e criadas pelo grau de desenvolvimento econômico e social da sociedade; e subjetivos, relativos ao bem estar, felicidade, amor, prazer e realização pessoal.

O World Health Organization Quality of Life (WHOQOL), grupo específico de QV da Organização Mundial de Saúde (OMS), desenvolveu um instrumento transcultural para uso internacional. Foi criado um instrumento de QV composto por 100 questões (WHOQOL – 100). Entretanto, mediante a necessidade de instrumento curto que demandasse pouco tempo para preenchimento, o grupo desenvolveu versão abreviada, denominada WHOQOL-bref, que contém 26 questões, com escores que variam entre 0 a 100 (WHO, 1998).

Para Rosenberg (1956/1989), autoestima (AE) é uma avaliação que o indivíduo efetua e comumente mantém em relação a si mesmo, expressando uma atitude de aprovação ou desaprovação. AAE tende a ser estável ao longo do tempo e em diferentes contextos na vida adulta (HUTZ; ZANON, 2011). O estudo da AE permeia complexidades e contradições, tendo em vista que questões culturais, psicológicas e individuais perpassam esse sentimento positivo e negativo de si mesmo

(AVANCI *et al.* 2007).

Desta forma, este estudo tem como objetivo analisar a relação das características familiares e a percepção do nível de QV e AE em comunidades quilombolas no Estado de Sergipe-Brasil.

2 Materiais e Métodos

Estudo de levantamento epidemiológico, com abordagem quantitativa, tendo como participantes representantes de famílias quilombolas. O estudo foi realizado em duas comunidades quilombolas no Estado de Sergipe, Nordeste brasileiro.

No cálculo amostral, foi utilizado o quantitativo de famílias cadastradas como quilombolas em cada comunidade. A amostra foi selecionada a partir da fórmula de Barbeta (BARBETTA, 2010). Assim, a amostra se constituiu em 101 famílias da Comunidade Patioba (70,62% dos cadastrados) e 226 (44,93% dos cadastrados) da Comunidade Mussuca. Os critérios de inclusão foram: ser descendente de quilombolas cadastrado na comunidade, morador e representante da família no momento da visita, ter mais de 18 anos, e que concordar livremente em participar da pesquisa assinando o termo de consentimento previamente lido e esclarecido. A estratégia de acesso foi entrevistar um responsável de cada família em cada domicílio abrangendo todas as ruas de ambos os povoados.

Os instrumentos utilizados foram:

- Um formulário construído para levantamento dos dados sociodemográficos contendo perguntas sobre a constituição familiar, idade, escolaridade, renda, tipo e condições de moradia.
- O Inventário de QV denominado WHOQOL-breve, adaptado e validado por Fleck *et al.*, (2000). Trata-se de um instrumento com 26 itens para ser respondido em uma escala tipo Likert de cinco pontos, contendo quatro domínios (físico, psicológico, social e ambiental).
- A Escala de Autoestima (AER) desenvolvida por Rosenberg (1956/1989) adaptada e validada por Hutz (2000) e Hutz e Zanon (2011), sendo essa uma medida unidimensional constituída por dez afirmações que estão relacionadas a um conjunto de sentimentos de AE e autoaceitação que avalia a AE global. Os itens são respondidos em uma escala tipo Likert de quatro pontos variando entre discordo totalmente a concordo totalmente.

Inicialmente foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, lido o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e assinado pelos sujeitos. Logo em seguida, foi preenchido o formulário para levantar os dados sociodemográficos e os instrumentos. O preenchimento destes foi realizado por uma das pesquisadoras e duas acadêmicas calibradas para tal. A média de tempo para a coleta de dados em cada residência variou de 30 a 40 minutos.

A análise estatística foi realizada através de testes de estatística descritiva e inferencial. Foi aplicado teste qui-

quadrado para verificar se havia diferenças significativas entre as características familiares pesquisadas e os testes t, ANOVA e Post-hoc para comparação de médias dos domínios relacionados ao instrumento de QV, índice de AE em relação às características familiares ($p < 0,05$)

3 Resultados e Discussão

O estudo contou com a participação de 327 representantes das famílias das comunidades quilombolas Patioba e Mussuca. A faixa etária da amostra da Patioba é de 18 a 79 anos, média de 41,42 anos, sendo 86 mulheres (85,1%) e 15 homens (14,9%); e a da Mussuca, de 18 a 75 anos, média de 40,19 anos, sendo 206 mulheres (91,2%) e 20 homens (8,8%). Neste estudo houve uma participação maior de mulheres, casadas ou em união estável (76,8%), com escolaridade predominante de até ensino fundamental (59,3%) e com ocupação do lar (58,7%).

A atividade de trabalho dos homens em idade adulta e jovens representantes de grande parte das famílias quilombolas do presente estudo tem sido as indústrias em cidades vizinhas ou em outros Estados. Essa situação é uma alternativa para geração de renda, em busca de uma melhor QV, tendo em vista, que essas comunidades não oferecem oportunidades de trabalho e estudo. Esses dados corroboram com os analisados na comunidade quilombola Olária em Irará na Bahia, que tem uma população cujas bases são comandadas pelas mulheres, pois os homens costumam sair do convívio familiar para trabalhar em terras distantes do seu local de moradia ou em propriedades rurais da vizinhança (SANTOS, 2010).

As condições de vida de mulheres e homens são resultado de construções sociais que têm como alicerce o trabalho e se manifestam através da divisão social do trabalho entre os sexos. Esta divisão estabelece que os homens exerçam suas atividades no mercado de trabalho e as mulheres dividam seu tempo muitas vezes entre a produção fora de casa e a realização das tarefas domésticas relativas aos cuidados da família (MELO; CASTILHO, 2009). As mulheres, mães de filhos pequenos, possuem maior tempo de dedicação aos afazeres domésticos do que as demais participantes, conforme aponta Bruschini (2006).

Na comunidade Mussuca, 61 mulheres (18,7%) possuem participação ativa na pesca de mariscos e contribuem com a associação de pescadores, sendo que duas vezes ao ano recebem um salário mínimo por conta do defeso. As famílias deste estudo também desenvolvem a criação de animais de pequeno e médio porte, utilizando de seus derivados para sua sobrevivência. Ambas as comunidades possuem atividade de produção de artesanatos que são expostos em eventos, festas e acontecimentos em outras cidades.

Nessas duas comunidades, há evidência de atividades agrícolas e não agrícolas em uma mesma família. Às margens da BR 101 ou em pequenas glebas ocupadas, essas famílias fazem uso da agricultura de subsistência por meio de

plantações de mandioca, milho, banana, goiaba. O excedente é comercializado nas feiras livres ou no próprio domicílio. Perfil semelhante foi encontrado na comunidade quilombola Olária, em Irará na Bahia, que tem como atividade econômica a agricultura e criação de animais, sendo estas destinadas a subsistência das famílias e realizadas em terrenos individuais, situados nas proximidades das residências. Os principais produtos cultivados são milho, feijão e mandioca. As mulheres que residem na comunidade Olária denunciam que tiveram uma história social demarcada por conflitos e exploração, o que gerou uma condição de pobreza e vulnerabilidade social (SANTOS, 2010).

A relação significativa entre renda familiar, QV e AE das famílias aponta para a questão da insuficiência da renda para manter as necessidades básicas dos quilombolas e exercer influência na AE e QV destas. Correia, Costa e Balbino (2007) enfatizaram sobre a renda familiar, à medida que consideram como preocupante a situação de subsistência das famílias quilombolas de Monte Alegre (ES). Embora fosse praticada uma agricultura de subsistência na comunidade, a baixa renda sugeria carências das mais diversas. Os dados de 2006 revelavam que 48% das famílias sobreviviam com menos de R\$ 300,00 (trezentos reais) mensais, possuindo, além disso, um percentual considerável de famílias mantido financeiramente por membros aposentados.

O tempo médio de residência no quilombo é 33 anos, com composição familiar caracterizada como unifamiliar, sendo 84,7% destas moradias próprias e que contam com uma média de seis cômodos (Quadro 1). A questão da QV, especialmente, no domínio físico baixar à medida que aumenta o tempo de permanência das famílias quilombolas na comunidade pode estar relacionada, também, ao fator idade dos sujeitos, uma vez que as pessoas mais velhas apontam predisposição a doenças crônicas, dores nas pernas e dificuldade de locomoção. Esse resultado também pode estar relacionado ao cotidiano de trabalho na roça e na pesca, realizados em locais distantes da moradia.

Algumas questões levantadas a partir de observações in loco ao longo da pesquisa e que interferem no cotidiano dessas famílias, foram consideradas importantes para a contextualização dos níveis de QV e AE dos quilombolas. Observou-se que a infraestrutura em ambas as comunidades, é precária ou inexistente, como o saneamento básico. A água utilizada para lavar os utensílios domésticos e para banho é canalizada para rua ou quintal da casa. O esgoto corre a céu aberto. O abastecimento de água é realizado através de caixas d'água, abastecidas por poço artesiano ou por carro pipa e que funcionam por sistema de bombas. Na comunidade Patioba, por vezes a bomba não funciona, o que parece não ser ocasional, os moradores utilizam a água do riacho para lavar roupas e louças e, simultaneamente, para banhos e lavagem de animais. As ruas de ambas as comunidades não são pavimentadas. Desníveis das vias dificultam o acesso dos

moradores ou visitantes, especialmente em dias chuvosos, para pedestres com dificuldades de locomoção e automóveis.

Com a duplicação da BR – 101, que previa maior segurança para os usuários, a comunidade Mussuca ficou desprovida desse benefício, tendo em vista que não foi construída uma passarela para que seus moradores pudessem atravessar a rodovia e ter acesso ao outro lado da BR. A passagem de pedestres é inviabilizada pela mureta de proteção que separa as duas vias.

O sistema de transporte público na Patioba se reduz a transporte escolar, não havendo ônibus para transporte coletivo. A Mussuca tem uma linha cujo trajeto é apenas para

a cidade de Aracaju, sendo que esta linha não faz a rota para o município sede, que é Laranjeiras. Portanto, os moradores que precisam se deslocar até seus municípios, necessitam utilizar transporte individual ou alternativo (táxi-lotação), vale ressaltar que este se torna um meio de transporte com alto custo para os quilombolas.

De acordo com Lara (2012), as comunidades quilombolas ainda enfrentam uma série de percalços, a exemplo da grilagem de terra, da falta de apoio do governo e da escassez de condições de trabalho, saúde, educação, lazer, esporte, e estes se organizam a partir da reivindicação de seus direitos e de sua cidadania.

Quadro 1: Características de moradia e renda nas comunidades Patioba e Mussuca, Sergipe, Brasil, 2011/2012 (n=327)

Variáveis	Comunidade Patioba			Comunidade Mussuca		
	n.	%	p*	n.	%	p*
Renda familiar						
≤ R\$600,00	37	36,6	<0,01	47	20,8	>0,05
De R\$601,00 a R\$734,00	17	16,8		63	27,9	
De R\$735,00 a R\$1.162,00	17	16,8		65	28,8	
≥ R\$1.163,00	30	29,7		51	22,6	
Condição de moradia						
Alugada ou cedida	36	35,6	<0,01	14	6,2	<0,01
Própria	65	64,4		212	93,8	
Número de cômodos						
≤ 05 cômodos	49	48,5	<0,01	103	45,6	<0,01
6 cômodos	32	31,7		56	24,8	
7 cômodos	15	14,9		36	15,9	
≥ 8 cômodos	5	5		31	13,7	
Tempo na residência						
≤ 05 anos	35	34,7	>0,05	50	22,1	>0,05
De 6 a 14 anos	24	23,8		56	24,8	
De 15 a 24 anos	20	19,8		65	28,8	
≥ 25 anos	22	21,8		55	24,3	
Tempo moradia no quilombo						
≤ 23 anos	35	34,7	<0,01	49	21,7	<0,01
De 24 a 32 anos	20	19,8		56	24,8	
De 33 a 42 anos	46	45,5		121	53,5	

Teste qui-quadrado*

Foram constatadas diferenças significativas quanto à distribuição das variáveis para as duas comunidades: composição familiar, condição de moradia e tempo de moradia no quilombo. Já variável renda familiar apresentou diferença significativa apenas para comunidade Patioba. Somente a variável “tempo de moradia na mesma residência”, não apresentou diferenças significativas na sua distribuição.

A composição do arranjo familiar dos quilombolas é apresentada no Quadro 2. Nessas residências habitam em média 3,88 pessoas com quantidade média de 2,62 filhos por família. Observam-se diferenças significativas quanto ao número de filhos residentes e número de filhos menores. As variáveis, número de residentes (pessoas na casa) e número de filhos (total) apresentaram diferença significativa apenas para

as famílias da comunidade Mussuca.

Neste estudo, foi observado que as famílias quilombolas que possuem a composição multifamiliar apresentam nível de QV rebaixado no domínio físico, quando comparado à

composição unifamiliar. Destaca-se que 33,3% da amostra é multifamiliar. Essa situação acontece, porque muitas famílias não têm condições de adquirir sua própria casa e acabam tendo que morar com familiares.

Quadro 2: Composição dos arranjos familiares nas comunidades Patioba e Mussuca, Sergipe, Brasil, 2011/2012 (n=327)

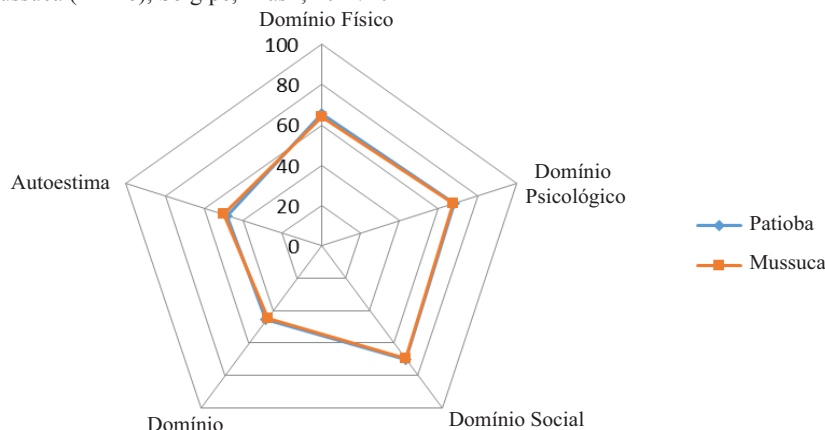
Variáveis	Comunidade Patioba			Comunidade Mussuca		
	n	%	p*	n	%	p*
Composição familiar						
Unifamiliar	62	61,4	0,022	156	69,0	<0,01
Multifamiliar	39	38,6		70	31,0	
Número de residentes						
≤ 3 pessoas	41	40,6	>0,05	103	45,6	<0,01
4 pessoas	25	24,8		64	28,3	
≥ 5 pessoas	35	34,7		59	26,1	
Número de filhos						
≤ 1 filho	37	36,6	0,05	80	35,4	<0,01
2 filhos	24	23,8		51	22,6	
3 filhos	19	18,8		35	15,5	
≥ 4 filhos	21	20,8		60	26,5	
Número de filhos residentes						
1 filho residente	49	48,5	<0,01	119	52,7	<0,01
2 filhos residentes	25	24,8		61	27,0	
≥ 3 filhos residentes	27	26,7		46	20,4	
Número de filhos menores						
1 filho menor	62	61,4	<0,01	157	69,5	<0,01
2 filhos menores	20	19,8		48	21,2	
≥ 3 filhos menores	19	18,8		21	9,3	

Teste qui-quadrado*

A comparação das médias de QV, AE e comunidades estão presentes na Figura 1. A menor média encontrada nas duas comunidades foi no domínio ambiental da qualidade de vida. As famílias da Mussuca apresentaram

maiores médias de autoestima quando comparados às famílias quilombolas da Patioba ($p < 0,05$). Quanto a QV, as famílias de ambas as comunidades obtiveram médias similares ($p > 0,05$).

Figura 1: Comparação de média nos domínios físico, psicológico, social e ambiental da qualidade de vida e nível de autoestima das comunidades quilombolas, Patioba (n=101) e Mussuca (n=226), Sergipe, Brasil, 2011/2012



Fonte: Dados da pesquisa.

As médias da avaliação da QV e AE estão descritas na Quadro 3. Ao relacionar as variáveis, tempo na residência e tempo no quilombo com o domínio físico nas duas comunidades, verificou-se diferença significativa nas médias dos escores de QV em diferentes estratos da amostra. Também, a relação entre comunidade, renda e o escore de AE foram significativas.

Quando realizado o teste Post-hoc, detectou-se diferença significativa na renda familiar, quando comparado ao domínio ambiental da QV e AE. Famílias que recebem entre R\$735,00 e R\$1.162,00 obtiveram escores menores de QV quando comparado às famílias que ganham entre R\$601,00 e R\$734,00 ($p=0,038$). Da mesma forma, observou-se que as famílias que ganham até R\$600,00 possuem as menores médias de AE ($p<0,05$).

Em se tratando da composição das famílias, o tipo

unifamiliar (Quadro 4) apresentou escore médio mais elevado da QV no domínio físico quando comparado ao tipo de composição multifamiliar ($p=0,014$). O tempo de moradia na residência (Quadro 3) apresentou diferença significativa no domínio físico: quem reside na mesma casa entre 6 e 14 anos possui maiores escores de QV quando comparado as famílias que residem entre 15 e 24 anos.

O tempo de moradia no quilombo apresentou diferença significativa no domínio físico ($p=0,030$). Famílias que residem no quilombo entre 24 e 32 anos possuem maiores escores de QV nesse domínio do que famílias que residem entre 33 e 42 anos. Na comparação de médias dos escores de AE de acordo com a composição familiar, tempo de moradia na mesma residência e tempo de moradia no quilombo não se obteve diferença significativa ($p>0,05$).

Quadro 3: Comparação de médias dos domínios da qualidade de vida e nível de autoestima de acordo com o tempo de moradia e renda familiar nas comunidades Patioba e Mussuca, Sergipe, Brasil, 2011/2012 (n=327)

Variáveis	Domínio Físico			Domínio Psicológico			Domínio Social			Domínio Ambiental			Escore de Autoestima		
	Média	DP	p	Média	DP	P	Média	DP	p	Média	DP	p	Média	DP	p
Renda familiar															
≤ R\$600,00	62,06	16,13	0,188	66,32	11,81	0,578	68,75	16,76	0,362	44,57	13,73	0,221	47,89	8,76	0,093
De R\$601,00 a R\$734,00	66,87	16,88		68,08	13,39		72,19	16,13		47,23	12,08		49,68	11,08	
De R\$735,00 a R\$1.162,00	62,84	16,97		68,66	12,76		69,61	16,43		43,02	12,98		50,54	9,07	
≥ R\$1.163,00	65,74	15,44		68,59	10,88		67,9	14,91		44,88	12,48		50,76	7,98	
Tempo moradia na residência															
≤ 05 anos	65,54	14,34	0,080	66,53	12,67	0,432	68,92	15,92	0,843	44,34	12,47	0,515	49,13	9,45	0,863
De 6 a 14 anos	67,59	17,06		69,39	12,77		70,52	16,92		44,37	12,64		50,11	10,22	
De 15 a 24 anos	61,59	17,31		68,54	12,27		68,72	16,76		44,23	13,79		49,97	9,91	
≥ 25 anos	62,70	16,45		67,16	11,04		70,35	14,78		46,85	12,54		49,18	7,52	
Tempo moradia no Quilombo															
≤ 23 anos	65,85	15,99	0,030	66,97	12,88	0,704	70,34	16,78	0,148	45,05	13,02	0,679	49,58	10,06	0,250
De 24 a 32 anos	67,67	15,47		68,48	12,75		66,45	15,27		43,79	12,82		51,08	10,46	
De 33 a 42 anos	62,08	16,78		68,10	11,67		70,66	16,00		45,35	12,86		48,93	8,33	

Teste Anova e Teste Post-hoc

** $p<0,01$

* $p>0,05$

Verificou-se que as famílias quilombolas constituídas por até três pessoas obtiveram escores médios maiores no domínio psicológico quando comparado às famílias constituídas por quatro pessoas ($p=0,019$). Famílias com mais de quatro filhos ou mais obtiveram médias menores no domínio físico quando comparado aos demais estratos da amostra apresentando diferença significativa ($p<0,001$). Ao comparar as médias no domínio psicológico em relação aos estratos número de filhos,

observou-se diferença significativa ($p=0,006$); os participantes com nenhum ou um filho tiveram maiores médias de QV do que os participantes com três filhos. As famílias que possuem até um filho obtiveram maiores médias de AE quando relacionada à AE daqueles que possuem dois, três, quatro ou mais filhos ($p=0,001$), conforme demonstrado na Quadro 4.

Quanto ao número de filhos residentes no domicílio com a família, essa variável, quando aplicado teste Post-

hoc, apresentou diferença significativa no domínio físico ($p=0,033$). As famílias quilombolas com três ou mais filhos que estivessem residindo na mesma casa obtiveram médias maiores nesse domínio quando comparado aos sujeitos com apenas um filho residente.

As famílias que possuem filhos menores de idade apresentaram diferença significativa ($p=0,012$) no domínio físico de QV. Obtiveram escores médios maiores nesse domínio famílias que possuem dois filhos menores quando comparado às famílias com apenas um filho menor de idade. Ao comparar as médias dos escores de AE com a quantidade de pessoas residentes na casa, número de filhos residentes e filhos menores de idade, não se observou diferença significativa ($p>0,05$).

Estudo desenvolvido com 130 quilombolas na comunidade de Monte Alegre (ES), Correia, Costa e Balbino (2007) consideraram que as famílias não são muito grandes e 76% dos lares possuem até 5 ocupantes. Resultado semelhante ao das famílias da Patioba e da Mussuca foi encontrado no estudo realizado em nove comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Ribeira, estado de São Paulo. Júnior et al. (2008) encontraram na comunidade Pilões uma média de 3,8 pessoas por unidade doméstica e 4,7 pessoas, com a média mais alta na comunidade Nhunguara.

Nas famílias quilombolas, o padrão diminuição do

tamanho da família com aumento de níveis de AE e QV no domínio psicológico leva a considerar-se que, também aqui, o menor número de filhos possibilita melhores condições para manutenção da saúde, educação e alimentação da prole.

Por outro lado, as famílias quilombolas com três ou mais filhos residentes na mesma casa apresentaram uma QV maior no domínio físico do que as famílias com nenhum ou apenas um filho. Possivelmente esse resultado esteja relacionado ao apoio social decorrente da distribuição de tarefas, como também a contribuição financeira e emocional que estes filhos residentes possam oferecer.

As famílias deste estudo que possuem dois filhos menores de idade apresentaram escores de QV no domínio físico maiores do que famílias com apenas um filho menor de idade. Pensa-se que este resultado esteja diretamente relacionado ao fator idade, pois as mulheres quilombolas que possuem dois filhos menores de idade são mais jovens do que as que possuem um filho menor de idade. Provavelmente à satisfação e vigor físico dessas mães que, em virtude de serem mais jovens, tenham mais disposição para dedicar-se a um maior número de filhos ($p<0,01$). Segundo os autores, o cuidado com os filhos é uma das atividades que mais consome o tempo de trabalho doméstico das mulheres (BRUSCHINI, 2000; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2003).

Quadro 4: Comparação de médias dos domínios da qualidade de vida e nível de autoestima, de acordo com a composição dos arranjos familiares nas comunidades Patioba e Mussuca, Sergipe, Brasil, 2011/2012 ($n=327$)

Variáveis	Domínio Físico			Domínio Psicológico			Domínio Social			Domínio Ambiental			Escore de Autoestima		
	Média	DP	p.	Média	DP	p.	Média	DP	p.	Média	DP	p.	Média	DP	p.
Composição familiar															
Unifamiliar	65,92	16,32	0,014	68,09	12,85	0,681	70,56	16,24	0,124	44,84	12,87	0,898	49,94	9,69	0,356
Multifamiliar	61,20	16,21		67,53	10,90		67,66	15,66		45,04	12,93		48,92	8,56	
Número de residentes															
≤ 3 pessoas	64,13	16,34	0,974	69,34	12,02	0,062	70,95	15,39	0,349	46,43	12,42	0,166	50,03	9,89	0,640
4 pessoas	64,40	17,43		65,46	11,69		69,19	16,54		43,82	13,66		49,67	9,21	
≥ 5 pessoas	64,63	15,69		68,01	12,77		67,91	16,66		43,62	12,67		48,87	8,58	
Número de filhos															
≤ 1 filho	68,37	14,8	0,000	70,55	11,63	0,006	71,22	15,76	0,532	45,49	11,58	0,549	52,21	10,20	0,001
2 filhos	63,99	17,64		67,40	11,97		69,00	17,14		44,02	13,31		48,99	9,28	
3 filhos	65,08	15,80		63,60	14,30		67,59	18,78		43,23	14,37		47,43	7,94	
≥ 4 filhos	58,37	16,33		67,41	11,02		69,13	13,46		46,03	13,24		47,84	8,10	
Número filhos residentes															
1 filho	62,52	16,60	0,084	68,71	11,6	0,468	71,23	15,47	0,165	46,23	12,56	0,129	49,68	9,3	0,590
2 filhos	65,32	17,57		67,11	11,47		68,12	16,92		44,14	13,34		50,21	9,23	
≥ 3 filhos	67,42	14,03		66,96	14,35		67,58	16,29		42,76	12,83		48,70	9,57	
Número filhos menores															
1 filho	62,48	17,12	0,012	68,37	11,41	0,426	70,47	15,66	0,319	45,72	12,90	0,238	49,56	9,09	0,331
2 filhos	68,80	15,10		67,71	12,98		68,50	17,33		43,70	12,56		50,70	10,70	
≥ 3 filhos	66,96	12,65		65,63	14,97		66,67	16,12		42,50	13,10		47,93	8,01	

Teste t- composição familiar. Teste Anova e TESTE Post-hoc-número de residentes, número de filhos, número de filhos residentes e número de filhos menores. ** $p<0,01$. * $p>0,05$.

A relação entre QV total e AE apresentou correlação positiva significativa ($r=0,356$; $p<0,001$), sendo que quanto maior a pontuação na escala de QV, maior a AE das famílias quilombolas neste estudo. O menor escore de QV no domínio ambiental ($M=44,91$), o mais baixo escore apresentado pelos sujeitos desse estudo, reflete os problemas já observados anteriormente, como localização e estrutura das comunidades, enquanto fatores que estão interferindo negativamente na QV dessas populações. Estudos nacionais (BRAGA *et al.* 2011; PENTEADO; PEREIRA, 2007) que utilizaram o WHOQOL-Breve mostram que os piores resultados são no domínio ambiental, sendo este domínio considerado o mais suscetível da QV. Pode-se pensar também que além das dificuldades de infraestrutura enfrentadas, as precárias condições de atividades de lazer e a renda destes quilombolas também interferiram nesse nos baixos escores de QV e AE.

4 Conclusão

Os dados apresentados neste trabalho possibilitaram a compreensão das características familiares de sujeitos residentes em comunidades quilombolas. Destaca-se uma maior participação de indivíduos do sexo feminino, entre 18 a 79 anos de idade, com escolaridade de até o ensino fundamental e baixo nível de renda. A utilização do WHOQOL-breve e EAR em comparação com as características familiares se mostraram como importante ferramenta para descrever o perfil de QV e AE deste grupo populacional.

As famílias da comunidade Mussuca apresentaram maiores médias nos escores de AE quando comparados às famílias da Patioba. No entanto, escores de QV foram similares em ambas às comunidades. Menores escores de QV das famílias quilombolas estiveram associados à composição multifamiliar, aquelas famílias que residiam há mais tempo no quilombo, as que eram constituídas por mais de três pessoas e as que tinham mais de três filhos. Maiores escores de QV foram associados a famílias constituídas até três pessoas e que possuam dois filhos menores de idade. A baixa autoestima esteve relacionada à baixa renda familiar e a constituição familiar com maior número de filhos.

Vê-se como imprescindível a realização de ações que estejam relacionadas aos domínios físico, psicológico e ambiental nas comunidades quilombolas, que visem à promoção da QV e AE das famílias por meio de políticas públicas eficazes que atendam as expectativas e necessidades básicas destes grupos populacionais, tais como, promoção da moradia própria, saneamento básico, ruas pavimentadas, lazer, saúde, educação, justiça social e trabalho.

Referências

ANJOS, R.S.A.; CIPRIANO, A. As comunidades no território nacional. In: ANJOS, R.S.A.; CIPRIANO, A. (Org.). *Quilombolas: tradições e cultura da resistência*. São Paulo: Aori Comunicação, 2007, p.176-206.

AVANCI, J.Q.; ASSIS, S.G.; SANTOS, N.C.; *et al.* Adaptação

Transcultural de Escala de Autoestima para Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.20, n.3, p.397-405, 2007.

BARBETTA, P.A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 7 ed. Florianópolis: UFSC, 2010.

BRAGA, M.C.P.; CASELLA, M.A.; CAMPOS, M.L.N.; *et al.* Qualidade de vida medida pelo WHOQOL-Breve: estudo com idosos residentes em Juiz de Fora/MG. *Revista de Atenção Primária a Saúde* v.14, n.1, p.93-100, 2011.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm .

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.23, n.2, p.331-353, 2006.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da dominação? (Brasil, 1985/95). In: ROCHA, M.I.B. (Org.). Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios. São Paulo: Editora 34, 2000, p.13-58.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, M.; HIRATA, H. *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Senac-SP, 2003, p.323-361.

CORREA, W.; COSTA, M.A.B.; BALBINO, W. Programa transdisciplinar para o desenvolvimento sustentável da comunidade quilombola de Monte Alegre. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo* v. 1, n.2, p.4-53, 2007.

FLECK, M.P.A.; *et al.* (Orgs.). Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL-breve). Universidade de São Paulo. *Revista de Saúde Pública* v.34, n.2, p.178-183, 2000.

HUTZ, C.S.; ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica* v.10, n.1, p.41-49, 2011.

HUTZ, C.S. *Adaptação brasileira da escala de autoestima de Rosenberg*. Monografia (Especialização em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Mimeo, 2000.

LARA, L.M. Esporte e lazer em comunidades quilombolas no paraná: Identificando realidades e apontando desafios para implementação e/ou aprimoramento de políticas públicas. *Pensar a Prática*, v.15, n.1, p.1271, 2012.

LEITE, I.B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, v.4, n.2, p. 333-354, 2000.

MELO, H.P.; CASTILHO, M. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? *Revista de Economia Contemporânea*, v.13, n.1, p.135-158, 2009.

MINAYO, M.C.S.; HARTZ, Z.M.A.; BUSS, P.M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência e Saúde coletiva*, v.5, n.1, p.7-32, 2000.

JUNIOR, N.N.P.; *et al.* A casa e a roça: socioeconômica, demografia e agricultura em populações quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, v.3, n.2, p.227-252, 2008.

PENTEADO, R.Z.; PEREIRA, I.M.T.B. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. *Revista de Saúde Pública*, v.41, n.2, p.236-243, 2007.

RIOS, K.A.; BARBOSA, D.A.; BELASCO, A.G.S. Avaliação de qualidade de vida e depressão de técnicos e auxiliares de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v.18, n.3, p.122-130, 2010.

ROSENBERG, M. *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

SANTOS, J.B. Relações de Gênero e Produção de Cerâmica na Comunidade Quilombola da Olaria, em Irará-Bahia. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, v.1, n.1, p.134-147, 2010.

SILVA, J.A.N. Condições Sanitárias e de Saúde em Caiana dos Crioulos, uma Comunidade Quilombola do Estado da Paraíba. *Saúde e Sociedade*, v.16, n.2, p.111-124, 2007.